

EMMANUEL NASSAR

Pintura

08 NOV – 05 JAN 2007

Aqui tudo parece que ainda é construção e já é ruína.

(Caetano Veloso)

Emmanuel Nassar é um artista único no panorama artístico brasileiro.

Nascido em 1949 em Capanema, Pará – Estado do Norte do Brasil situado no perímetro do rio Amazonas, entre a densa e exótica floresta e a vastidão atlântica –, Emmanuel Nassar agrega na sua obra uma dimensão simultaneamente local, nacional e internacional.

O recurso a uma imagética intrinsecamente popular paraense – a luz, a cor, os objectos ou referências à simplicidade de um quotidiano precário – apontam para a ideia de *genius locci*, defendida na pintura internacional dos anos 80 como reacção às proposições universalistas do modernismo. Mas apesar da aparência simples, de uma “estética do corriqueiro”, nada há aqui de provinciano ou *naif*. O universo de referências detectável na obra de Nassar revela-se paradoxalmente erudito quando se atenta, numa tentativa vã de etiquetagem do seu estilo, para as aparentes (ou ambíguas) semelhanças com correntes artísticas que marcaram o passo da história da arte brasileira e internacional. Se por um lado a forte geometrização das suas pinturas, a cor plana e contrastante, remetem para o neo-concretismo – tendência estruturante no seu país natal –, a convocação de objectos e temas do quotidiano leva a pensar nas propostas da arte pop. No entanto, numa operação deliberada e inteligente, o artista perverte ou ironiza estas duas heranças, precisamente através do recurso à imprecisão (na técnica) e ao regionalismo (nos signos). Como que questionando, satirizando até, qual o papel de uma arte erudita, afogada em referências intra-sistémicas, numa sociedade débil como a que habita.

Se quisermos atribuir-lhe o epíteto *pop*, este terá que ser pensado como um “pop brasileiro” onde os ícones hollywoodescos são substituídos por barracas de feira, botequins e geringonças *low tech*.

Se quisermos escrutinar as reminiscências concretistas, mais vale pensar no seu olho de arquitecto graduado, sempre atento ao plano, à luz, ao espaço, assim como na sua experiência de publicitário, capaz de encontrar no comum as formas mais básicas e sintéticas, e por isso mais eficazes, de comunicação.

Apesar do tom crítico e irónico, e desse tom desvendar um interesse mais abrangente no social, na vivência do aqui e agora, aproximando a arte da vida, poderia parecer que o essencial da interpretação da obra de Nassar se resumiria a um jogo auto-referencial da história da arte do século XX. Nada mais errado. Os níveis de sentido e as questões levantadas pela sua obra vão muito mais além, inserindo-se tanto no universo da semiótica como da política (não no sentido panfletário, mas no modo de entender e questionar o contexto que o envolve).

Nas suas obras, qualquer que seja a técnica ou o material, ressalta no imediatismo da percepção sensorial – que, tão atacada na contemporaneidade, nunca deixará de ser componente intrínseca e válida da recepção da arte –, o lirismo da cor vibrante, a eficácia da composição dos planos e a subtileza do traço impreciso. Pressente-se ainda, especialmente nas telas, uma atmosfera onírica, quase metafísica, que propõe ao observador charadas surreais de desfecho subjectivo.

Múltiplas camadas de sentido vão surgindo à medida que questionamos a obra, numa relação inversamente proporcional às camadas de tinta impregnada pelo artista, como se quisesse mascarar de simplicidade algo que é na verdade muito mais complexo. Complexo mas não pretensioso, estudado mas aberto à intuição.

Assim é Emmanuel Nassar, artista erudito e popular, construtor de metáforas desdramatizadas da precariedade, observador activo e irónico, filósofo do simples que prefere propor o cenário e deixar ao receptor a construção da narrativa.

Rita Sobreiro
Novembro 2007